



O
DIABO
VESTE
PRATA

MOA SIPRIANO

m o a s i p r i a n o . c o m

O DIABO VESTE PRATA

Moa Sipriano

Meu hálito triste embaça a janela opressora do quarto apertado, enquanto meus dedos finos e trêmulos desenham corações trespassados por flechas flamejantes disparadas pela Saudade. Eu rabisco a inicial do seu nome em cada coração. Diversos “A” enormes que durante a manhã cinzenta de uma quarta-feira silenciosa simbolizam tudo aquilo que sinto por você: Amor, Admiração, Alegrias.

André, meu amigo, onde você está?

Minhas forças mínimas escorrem sorradeiras pelas solas dos meus pés descalços, agitados, raiados. Olho para a porta que dá acesso ao banheiro, bem no meio do corredor descascado. Desenvolvi verdadeiro horror perante a Senhora Água Fria.

Aproveitando meu isolamento voluntário e os carinhos da Solidão, já não cultivo mais nenhuma vontade de limpar meu corpo agora esqualido. Só libero minhas lágrimas e aprisiono a esperança de um recomeço tardio.

Ao longe, ouço aquele trinado grave e assustador de um trovão descompassado. Imploro ao seu Pedro que autorize logo o início do espetáculo.

Quero ver, através da janela agora diminuta pela inércia do meu olhar perdido, as lágrimas de júbilo dos anjos; cristais oníricos que os Trouxas apelidaram de “chuva”.

Adoro as carícias invernais e me excita os urros tão viris dos Trovões.

Hoje é o meu único dia de descanso. Papai e mamãe foram até a chácara do tio Gustavo buscar os verdes da semana e o leitão para o próximo fim de semana.

Segunda-feira começo meu primeiro emprego. Vou ajudar o Nestor, lá da Vila Progresso. Pode apostar que em pouco tempo serei o melhor Auxiliar de Mecânico da cidade!

Enquanto Patrícia não vem (ela vai me atualizar sobre o andamento dos estudos que perdi), aproveito o feriado municipal para me revelar a você.

Oh, André, perdoe meus acudados risos incontroláveis!

Não há mais cultos, nem orações, ou aqueles sermões hipócritas, intermináveis e incompreensíveis. Os diabos descansam às quartas-feiras. Meus pais não invadem mais meu quarto. Eu engano o mundo paralelo.

Aguardei com experiente paciência e sou brindado com a visão das primeiras gotículas a salpicar o vidro fumê, que logo se transformam em uma cascata brilhante a tamborilar pela casa inteira.

Estou deitado na cama sem colchão, o estrado a marcar novamente minhas costas largas, mas eu não ligo, eu não ligo para mais nada.

Fecho os olhos, ouço com atenção redobrada a sinfonia das águas, onde separo mentalmente alguns lamentos em forma de cânticos que salgam a terra. São canções suaves emanadas pelos meus anjos favoritos, aqueles adolescentes mais sensuais.

Idealizo em meu mundo interior aquele seu sorriso único capaz de abrandar minha tortura. A saudade sufocante trava minha garganta seca e mais uma vez forço-me a recordar o dia em que nos conhecemos. Eu não quero esquecer o primeiro minuto mais feliz da minha atual existência.

André, meu parceiro, eu até procuro espocar um sorriso aberto, mas isso me causa um tremendo desconforto, pois já não possuo a maioria dos dentes perolados que delineavam minhas gargalhadas que, um dia, foram tão perfeitas e luminosas.

Sinto vergonha, mesmo sozinho e isolado aqui no calabouço, de sorrir e sentir meu hálito acre se esvaír por entre as falhas da minha terceira dentição.

Aquelas drogas minaram por completo minha saúde física.

Tudo despencou em tão pouco tempo!

Embriagado pela fragrância da chuva, eu recordo aquela tarde na porta do Benedita Arruda, quando nossos olhares se cruzaram pela primeira vez.

Ah, André, bendita seja a quadra de todos os esportes!

Bendito amistoso entre os times de vôlei das nossas escolas.

Apesar da surra que levamos do Divino – o seu colégio de ricos –, não posso negar o quanto os meninos do Arruda, literalmente, deram o sangue em quadra.

Apenas um set doloroso afastou-nos da derradeira tentativa de uma tão sonhada (e até hoje acredito que deveria ser uma merecida) vitória.

Dez segundos foram suficientes para eu me apaixonar por você, assim que cruzamos nossos educados sorrisos ingênuos na saída da escola, durante a rápida entrevista solicitada para o meu jornalzinho capenga.

O suor ainda escorrendo pelo seu corpo delgado, moreno, salgado. Sua boca proferindo palavras de êxtase e arrogância pela vitória conquistada. Seu olhar da cor do mais puro mel a consumir meu olhar tímido, verde-musgo, embasbacado diante de tamanha beleza e masculinidade.

Dois mil anos podem passar, porém nunca vou me cansar de repetir que adorei o convite para o suco de laranja na cantina do simpático Romeu.

Dane-se a entrevista! Viva o segundo passo!

Um suco, dez sorrisos, milhares de afinidades em perfeita sintonia.

Na sequência, vieram as pedaladas na Ferroviários aos domingos; eu a acompanhar seus treinos de vôlei toda quarta-feira...

Ha, Ha, Ha. Recordo agora quando você me ensinou (e eu aprendi!) aquele passo do ganso maluco que tanto encantava as meninas ao ver o desfecho do seu rebolado sensual.

Oh, os bailinhos sabadoidos no Ipiranga.

Todas queriam nós dois!

Hilário!

Imaginar que os três primeiros meses da nossa união foram coisa de cinema.

Recorde, confesse. Assuma o conjunto da nossa felicidade!

Éramos amigos mais do que inseparáveis; fazendo, vivendo, compartilhando tudo juntos. Quantas descobertas!

Ah, André, meu lindo Vida, como eu adorei passar aquela noite de sexta em sua casa na época das primeiras provas. Todo orgulhoso por ser um “escola pública”, eu amava lhe ensinar a Matemática, a Física e todos os conceitos da Química que você tanto odiava.

Só não gostei de dormir no sofá. Passei a noite em claro, imaginando nós dois na privacidade do seu quarto!

Oh, sabe o que me veio à mente? A primeira flor que ganhei na vida... foi um presente seu! Violetas na janela, que eram cuidadas como se fossem nossas filhas.

E o dia do seu aniversário, você lembra?

Eu, fantasiado de palhaço, junto com a Celina e a Patrícia de “coelhitas parmalate”, invadindo a casa dos seus pais naquela noite chuvosa, carregando aquele enorme bolo de chocolate que minha mãe havia feito especialmente para a ocasião.

Mesmo não assumindo para si mesmas, as mães sempre sabem todas as nuances do amor. De toda forma de amor!

Eu odeio minha mãe!

Foi uma pena descobrir que você era alérgico a cacau!

Recordo as horas que passamos estrebuchados nas mais loucas gargalhadas, comendo Bolo Pullman de laranja e ficando bêbados de tanta groselha.

André, eu não consigo controlar o agito dos meus ossos e a torrente de lágrimas frígidas a despencar pelo meu rosto encovado.

Perdoe-me por ser tão fraco.

Eu choro ao tocar meus lábios rachados e doloridos.

A antiga droga do diabo que veste prata está acabando comigo.

Ela jamais vai abandonar meu corpo físico. Jamais!

Queria sentir por alguns segundos o retorno do meu primeiro beijo, o beijo que troquei com você. Um beijo de lábios virgens.

André, minha doce Amante, eu queria degustar pela última vez o cheiro queimante exalado pelas suas narinas ofegantes, quando nos entregávamos à união dos nossos sexos adolescentes.

O abraço, o carinho, o beijo, o desejo. Não mais surpresas. A primeira vez de todos os sentidos, finalmente, deflorados.

Você não imagina o quanto é complicado para mim-eu-mesmo aceitar que não tivemos tempo suficiente para consumir o nosso amor.

Saber que a Ignorância obrigou meus pais a tolher nosso contato, jogando-me para o homem que eles acreditavam – ingênuos e tolos e cegos – ser capaz de libertar minha alma do meu único pecado insano: amar você.

Com olhos inchados e meu olhar claudicante, recordo minhas cartas que nunca chegaram ao seu destino, pois os súditos do diabo perscrutavam nossa intimidade.

Os fracos e os hipócritas dizem que é inútil ultrapassar certos limites. Mas eu tentei. De todas as maneiras possíveis. Eu tentei!

Patrícia, a única pessoa não-família que chegou a me visitar no inferno, disse que minha mãe fez de tudo para praticamente eliminar você do nosso bairro!

Você apanhou do seu pai? Foi expulso de casa?

Oh, meu Deus, onde estão vocês?

Eu compreendo que você nunca soube o que realmente aconteceu comigo depois daquela divina tarde entristecida quando meus pais descobriram o nosso amor.

Ah, se eu pudesse voltar no tempo, André, eu jamais teria vacilado diante da Sorte, acreditando infantilmente que estávamos seguros na garagem de casa.

Permaneci alucinado naquele momento único. Tínhamos que conhecer nossos corpos, sentir nossos fluidos carnis e espirituais quase libertos da puta (sim, puta!) virgindade.

Eu queria não só as delícias recém-descobertas do sexo, mas eu precisava me entregar deliberadamente ao meu homem com amor, com a mente isenta de bobagens infundadas, com a alma preparada para viver a dádiva que Deus havia nos concedido: a bênção do primeiro amor verdadeiro, puro, universal.

André, meu Menino, eu jamais me esqueço do gosto do seu sexo em meus lábios. Como apagar da minha alma seu primeiro beijo carinhoso a demarcar as curvas das minhas nádegas outrora tão rechonchudas?

Nossos corpos não transpiravam. Não André... nossos corpos emanavam a cântaros a imaculada essência que resulta do amor entre dois seres purificados.

O segredo da eterna juventude está o sexo feito com amor.

Eu sinto pena dos alquimistas celibatários.

Por mais que eu tente alumiar a Verdade, André, minha mente insiste em bloquear trechos dos momentos terríveis que se seguiram.

Vejo flashes do meu pai furioso arrancando a porta da garagem.

A luz do meio-dia queimando nossos corpos nus.

Aquele medieval olhar de ódio perfurando nossas peles úmidas. O soco agudo em seu rosto assustado, a separação abrupta das nossas almas. A correria para cobrir

a vergonha da nossa beleza infantil. Os gritos do velho homem. Você, um varapau de quase dezesseis anos, defendendo minha honra, encarando o monstro alucinado em que havia se transformado meu querido paizinho.

André, meu Carinho, aquela dor volta a consumir o centro do meu peito. Eu já passei a maldita cena um milhão de vezes ao redor da minha cabeça estropiada.

Nós não merecíamos ser tratados como inferiores. Não houve chance para o diálogo posterior. Você foi enxotado com o sangue escorrendo pela boca. Eu fui trancafiado numa jaula cinzenta, sem direito a defesa. Mofei por dois dias nublados aqui no meu antigo quarto perdido.

Meus prantos foram embalados por um Vercillo distante.

* * *

Então... eles chegaram, André. Os mulatos homens de preto. Dois Armários empunhando uma corda com uma das mãos e a bíblia com a outra.

Em nome de um deus que eu não aceitava, fui jogado como um cão sarnento na traseira de um carro petróleo, fúnebre, aterrorizante.

Minha mãe e meu pai oravam em voz alta, histéricos, pedindo ao Senhor que me curasse do Grande Mal.

Eles, André, não foram “pais” naquela hora. Foram carrascos!

Estavam cegos por causa da Burrice Ancestral de Almeida Prado.

Entregaram, sem piedade, seu único filho às garras do verdadeiro Mal: o diabo loiro que vestia um terno prata, sentado no banco de couro do carro importado, conferindo com desdém os cheques pré-datados do meu pai, para enfim intermediar junto a Deus a limpeza da minha alma selvagem.

Depois de horas atemporais sacolejando no calabouço sobre rodas, desnorteado numa total escuridão isenta de ar, mas carregado em saudades, meu corpo entorpecido e dolorido sedou meus sentidos, forçando-me asfixiar num mambembe sonho profundo.

Acordei amarrado sobre uma cama de metal, onde o fino e gasto colchão de espuma pútrida não era suficiente para garantir o mínimo conforto ao meu espírito exausto, coberto de riscas rubi, doloridos, vergonhosos.

Pontas de molas de ferro carcomiam minha pele assustada.

Um dos Armários do Senhor adentrou o recinto, obrigando-me a engolir cápsulas de não-sei-o-que a seco. Cinco minutos depois, o mundo girava em gargalhadas ao meu redor, de cima a baixo.

Foi aí que notei a grande porta de metal se abrindo, e no meio de uma luz azulada encoberta pelas Brumas de Avalon, vi o diabo em pessoa, empunhando o

livro que eu erroneamente julgava sagrado, berrando em alto e péssimo som afetado o nome do meu Deus, afirmando que em poucos dias o pecado dos filhos de Sodoma ou Gomorra ou os seguidores da Madonna seria expurgado do meu corpo, transformando-me novamente (novamente?) num “homem normal”.

Eu ria e chorava, like a virgin na cabeça. Veneza, bolo-de-noiva, like a prayer, o santo é negro. Em prantos descompassados, beijo e mordisco o delicioso homem de ébano. Ela é uma santa. Minha diva! Minha deusa!

Apanhei na cara a golpes de um Novo Testamento esfarrapado.

O Armário do Senhor Número I segurava desnecessariamente meus braços ainda bem amarrados na cama de metal. E o diabo que vestia um terno cinza cintilante ou prata fulgurante, urrava palavras sem sentido, golpeando minhas faces com a escritura moralista.

Apaguei.

* * *

Os dias foram passando, arrastados, meu Amor. Isolado, vivendo a pão amanhecido e água de torneira, perdi o sentido da normalidade.

Armário Preto vinha na parte da manhã e me entupia de drogas alucinógenas. No final da tarde, era vez do Armário Polaco me arrastar para um banheiro fétido, onde meu corpo era sacudido debaixo de gotículas de água fria e depois enxugado porcamemente com um pedaço de pano que cheirava igual ao piso esburacado de uma cozinha imunda dum restaurante de oitava.

De volta aos meus trapos cor de burro-quando-foge, eu era despejado num amplo salão, na companhia de outros “Trans Viados” anônimos. Juntos, éramos obrigados a acompanhar um culto medonho, totalmente sem nexos, onde a pirotecnia das aparições do diabo que veste prata embasbacavam nossos travados sentidos amorfos.

Músicas no último volume. Microfone repleto de distorções. O nome do meu Deus era proferido setenta e duas vezes por segundo e um festival de “aleluias”, “glóriadeus”, “amém senhor” eram disparados a todo o momento pelos pecadores sedados que, feito zumbis griterizados, rogavam o perdão aos seus desatinos, como se amar um Igual fosse o pior dos pecados do homem.

* * *

Faço uma pausa.

Preciso recuperar o fôlego.

Eu já volto.

É necessária a companhia de um copo de água amornada.

* * *

O extremo momento, André, ainda estava por vir.

Nos primeiros quinze dias de internação, descobri que minha família não podia me visitar, pois segundo o diabo que veste prata e lê a bíblia, os Internos Alegres eram obrigados a passar por um período de “adaptação” naquele lugar de aparência externa impecável.

Lembro-me que no décimo dia eu caminhava a esmo por um gramado todo esburacado, segurando sem vontade um pequeno exemplar cinza do Novo Testamento (o único livro disponível para leitura de cada interno), tentando entender qual era a lógica dos fatos infundados.

Um aspirante a Armário, denominado por mim de “Armário Vermelho” por causa dos incríveis cabelos cor de fogo, arrastou-me para uma “reunião particular” com o pastor-das-ovelhas-perdidas.

Antes de entrar na sala do Poderoso, fui carinhosamente preparado para o encontro, sendo lavado com a ajuda de Armário Vermelho no interior de um daqueles banheiros adornados a ouro que só vislumbramos quando reviramos o miolo daquelas revistas (cheias de) bundas isentas de cérebro!

Mais cápsulas coloridas, agora despejadas goela abaixo com a ajuda de uma Pepsi glacial. Minha grogueirice não tardou a chegar, toda pocotó.

Trajando uma túnica branca e mais nada, fui conduzido até a Grande Sala e descansei meu corpo molenga por poucos segundos estirado num quilométrico sofá de couro de celestial tato.

Ele entrou, André, vestindo o indefectível terno cor cinza, que diante dos meus olhos alucinados, minúsculos pontos prateados pululavam nas ranhuras do tecido grosseiro, tornando a vestimenta luminosa e sobrenatural.

O diabo, meu amor, realmente veste Prata.

Armário Vermelho foi dispensado. A porta maciça foi trancada.

Uma voz feminina, suave e afetada, entoava hinos de louvor. Descobri que o ruído aconchegante vinha de um sofisticado aparelho de som pendurado numa das paredes em grafiato laranja.

O diabo abriu a bíblia, leu um versículo aleatório, que identifiquei ser de João. Santa Escola Dominical!

Solene e tímido, ele reproduziu um inexplicável sinal da cruz diante de mim.

Animalesco e dopado, logo em seguida ele avançou com fúria e fome para cima do meu corpo indefeso, sufocando com seu peso e força descomunal o resto da energia que eu ainda guardava em algum lugar do meu passado.

O filho da puta do diabo, André, buscou meu beijo!

Por mais que eu me debatesse, impedindo aquele monstro de tocar com sua boca podre os lábios que haviam beijado o Amor, fui vencido pela violência.

Eu não podia acreditar naquilo. Aquele monstro havia sido pago para retirar o pecado de mim-eu-mesmo, André. Tirar a porra do pecado, meu amor!

O que ele praticava comigo ia contra os princípios da minha ignorante família e da sua hipócrita religião!

Minha túnica fora feita em pedaços como tiras de um papel vagabundo. Meu corpo nu foi sugado por completo por uma boca gulosa, sedenta de desejos e traições. Ele repetia e repetia os malditos versículos diabólicos e possuía e consumia e dilacerava meu ser indefeso. Eu gritava no vácuo, André, e uma maconhada mão pesada sufocava minha dor, asfixiando meu desespero.

Não era para aquele marginal que eu queria ceder meu corpo pela primeira vez, André. Não era mesmo!

Eu não tive nenhuma chance de defesa, meu amor. Eu não tive escolhas. Eu me sentia o lixo, impuro, nojento, sem palavras para descrever todo meu horror!

André. Perdoa-me!

Com seu nojento cogumelo pingante, ele me penetrou sem pestanejar, André. Ele tirou minha virgindade à força. Ele destruiu a beleza da minha pureza que estava guardada para você, meu amor.

O diabo infectou minha inocência.

Três minutos, André. Três malditos minutos e, de repente, tudo estava acabado.

A parte baixa do meu corpo ardia em destroços e minha mente havia sido aniquilada com uma única e maldita sulfúrica facada.

O relógio amarelo na parede gema de ovo. As estocadas nebulosas. Pregas dilaceradas. A dor além da Dor. O vazio da alma.

Pude vislumbrar Deus jogando truco com Gabriel, ignorando por completo minha existência, minha súplica diante do abominável.

Eu jamais vou esquecer os malditos três minutos!

O diabo limpava seu gozo. A mulher de voz suave implorava para que eu aceitasse Jesus como meu único Salvador. Armário Vermelho foi chamado ao toque do botão azul que despontava numa caixa leitosa sobre a mesa de vidro do diabo em carne e osso.

Algo foi injetado no meu braço esquerdo. Senti a ponta da agulha rasgando minha pele alva ou esverdeada, agora pouco importa. Chorei de consternação, suspirei, desejei o encontro com a Dona Morte, aquela que jamais foi amada.

Hibernei por três dias seguidos.

* * *

Era um sábado. Meus pais vieram me visitar.

Caminhamos de mãos dadas (contra a minha vontade) pelo gramado bem cuidado do descomunal jardim externo.

Sem discutir, eu ouvia os conselhos hipócritas e egoístas da minha mãe. Nada de perguntar o que se passava no meu interior. Nada de diálogo aberto sobre aquilo que eu havia descoberto de mais puro dentro de mim e estava disposto a viver plenamente, sem nenhuma restrição, junto daquele que eu havia escolhido para ser meu companheiro de jornada.

Você, André, é o meu Grande Amor!

Minha mãe proferia as palavras de um senhor que não eram as verdadeiras Palavras do Senhor feito uma macaca muito bem treinada. Nem sei como consegui suportar tantas tontijas a cutucar meus tímpanos sensíveis.

Onde você estava? Você também sofre tanto quanto eu?

Meu pai cavalo, André, por incrível que pareça, percebeu que havia algo de errado comigo, mas não teve coragem de ir mais a fundo na moral de desvendar os meandros do meu distanciamento. Ele sempre foi um covarde em tudo na vida.

Na reunião da minha linda família junto do fofo pastor-diabo que continuava vestindo o odioso terno prata brilhante (havia resquícios das drogas do café da manhã em meu corpo), tudo o que os velhos queriam ouvir foi proferido em bela sinfonia pelo homem que não era um ser humano.

Os “cultos de limpeza”, segundo o diabo, haviam sido executados com perfeição. Segundo ele, bastavam mais alguns meses de descanso e orações e sessões de exorcismo pirotécnico – claro que tudo devidamente acompanhado de mais dois cheques pré-datados –, o suficiente para me transformar de novo num “adolescente normal” a seguir o Ensino Ilibado, isento de pecados.

Num estalo, entendi qual era o jogo, André.

Com uma dor lancinante a corroer toda extensão do meu peito aquoso, enquanto meu pai assinava a porra do cheque número dois, retirei das profundezas do meu ser o sorriso mais falso e a cara mais melancólica que pude retribuir para minha mãe insensata.

A encenação foi fechada com chave de platina, quando derramei algumas “lágrimas de arrependimento” pela minha antiga viadagem explícita, prometendo através de um falso olhar (fuzilando meus pais), que em breve eu voltaria para casa, para os estudos, e me tornaria um filho exemplar.

Quando eles partiram, André, o diabo me abraçou, cochichando em meu ouvido esquerdo:

“Aprendeu rápido, meu rapaz. Agora você é um dos nossos.”

* * *

Os dias cinzentos continuaram a surgir diante do que restava de mim, sem que eu me desse conta dos valores morais da outra realidade.

Virei um participante ativo nas orações, cânticos e cultos com os transviados (André, eu estava tão absorto em meu sofrimento, que na temporada em que permaneci no inferno, nunca consegui conversar com ninguém igual a mim. Eu sinto muito por não ter sido útil aos meus irmãos confinados), e em dias intercalados eu “me entregava” aos prazeres do diabo platinado.

Descobri que ele dava para os mais velhos nos dias pares e os mais novos, como eu, ele comia nos dias ímpares.

Como o Senhor que criou esse mundo, o diabo que veste prata descansava no sétimo dia da sua Fodeção.

Vozes sucumbidas pela dor e pelo desespero. O desamparo era a palavra de ordem dentro daquele recinto onde se cometiam os verdadeiros pecados originais.

Oh, André, tendo o privilégio de descansar aqui no meu quarto, vendo as lágrimas dos anjos borrifando a janela, fico imaginando quantos jovens iguais a mim não estão sofrendo os verdadeiros abusos nesse exato instante?

Abusos de pais, vizinhos, pastores, padres, “melhores amigos”, anônimos?

Quantos meninos gays não se encontram perdidos diante das atitudes cretinas de seres que se julgam acima do Bem e do Mal, manipulando o verdadeiro teor das Escrituras, deturpando o real valor da Palavra ao seu bel prazer, incutindo mensagens nazistas nos infelizes, confundindo seus corações, aniquilando seus livres-arbítrios, causando feridas profundas em suas almas amedrontadas, abandonadas, ingênuas?

Eu carrego a vantagem de ter captado as delícias do Amor, André, do verdadeiro amor descoberto ao seu lado.

Eu amei, André.

E eles, tão coitadinhos?

Foram amados ou protegidos por alguém?

Tiveram a oportunidade celestial de viver um único instante de felicidade ao lado de um homem especial?

É verdade que o diabo usou meu corpo como quis. Porém, ele jamais teve acesso aos códigos dos meus mais profundos sentimentos, meu amado. Jamais!

Fui drogado, fui manipulado, fui usado de maneiras indescritíveis mesmo por frases inspiradas pelo mais competente dos literatos.

O diabo que veste prata, André, e lê a bíblia, encontrou um oponente à sua altura. Entrei no jogo. Aceitei o desafio. Suportei toda forma de humilhação.

* * *

Faço outra pausa.

Preciso recuperar a sanidade.

Eu já volto.

É necessária a companhia de uma toalha felpuda a eliminar minhas lágrimas ácidas.

* * *

Após noventa e três luas, eu fui agraciado com a tão desejada liberdade.

Voltei para o seio da minha linda família. Sorridente, renovado, exalando para os ignorantes dos meus pais cegos o filho ideal que eles sonhavam ter.

Eu endureci, mas não deixei o ódio envolver meu espírito afresco.

Perdoar, André, era o grande ensinamento deixado pelo meu Senhor.

Amar sem distinção é a maior das lições.

O Egoísmo é o cancro da humanidade.

Agora caminho a passos bem largos e precisos. Enfrento meu destino de peito aberto e cabeça erguida.

Jogo com o tempo, André, dedicando-me com afincos aos meus estudos, e em breve vou trabalhar com gana de vitória na conquista do meu próprio dinheiro, a fim de alcançar minha total liberdade daqui, no máximo, dois anos.

18, meu menino, guarde o Número Mágico.

Assim que eu completar dezoito anos, meu amor, você pode ter certeza de que darei o triunfal grito de independência.

Afinal de contas, meu aniversário é no Dia da Revolução!

Apesar de manter um vitral de esperanças, não sei se vou reencontrar você em alguma das quebradas da vida, mas vou lutar para ter novamente aquilo que me é de

direito: o direito de amar quem eu quiser, o direito de ousar dizer o nome do meu amor pelo meu igual.

Vejo em meu mundo interior aquele seu sorriso lindo que abrandando minha dor. A saudade sufocante trava minha garganta seca e mais uma vez aqui em meu quarto, meu calabouço, eu aguardo um Novo Dia.

Eu não quero esquecer o primeiro segundo mais feliz da minha atual existência.

Eu não quero apagar os futuros dias gloriosos e inesquecíveis da minha Nova Vida!

* * *

Faço a última pausa. É hora de desligar o gravador. Depois de rebobinar minhas verdades, não vou ter coragem de ouvir minha própria voz em tom metálico.

Vou retirar a fita, embalar tudo para presente e implorar para a Patrícia dar um jeito de te encontrar, sem levantar suspeitas, e lhe entregar o meu Perfeito Testamento.

Tenho certeza de que o verdadeiro Deus vai dar um jeitinho de cruzar as nossas trilhas. E o nosso Amor, entre fogos de artifício, ousará cantar em alto e bom som o Seu Nome!

Afinal de contas...

... para mim-EU-mesmo...

... (meu) Deus É (toda forma de) Amor!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**